

UMA PEÇA DE  
FAUSTO ANTONIO

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO, O REI!



Galileu Edições



FAUSTO ANTONIO

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO,  
O REI!



Galileu Edições

Londrina, 2019

“No hospício, em grande parte, ele reinava, fazia suas próprias leis, ditava suas próprias regras; fundou sua própria religião, criou seu próprio mito.”

(Marta Dantas. *Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio.*)

## APRESENTAÇÃO<sup>1</sup>

No texto *Arthur Bispo do Rosário, o Rei*, o poeta e contista Fausto Antônio recorre aos arquivos da memória cultural do negro no Brasil para apresentar uma parte da rica história de Artur Bispo do Rosário. Artista negro, nascido em 1909 ou 1911, segundo seus biógrafos, na cidade de Japaratuba, Sergipe, viveu cerca de 50 anos em manicômios e produziu uma vastíssima obra em que demonstra os modos como via e encarava a vida e seus desvãos.

Bispo sofreu na vida cotidiana as opressões e discriminações de um sociedade desejosa de estabelecer, para alguns, os limites e fronteiras rigorosas para tudo: arte e não arte, sanidade e loucura. Gênio? Louco? Artista? Estas questões, principalmente quando se referem a Bispo do Rosário, não podem ser respondidas com um seco sim ou não. Performático, criativo, inovador, subversivo, múltiplo, são alguns dos adjetivos utilizados pelos críticos na tentativa de fornecer uma imagem aproximada do Bispo do Rosário.

Hoje reconhecida pelas instâncias legitimadoras oficiais, sua obra tem gerado textos, teses, performances nas quais os autores tentam explicar e/ou entender os processos de sua produção artística. Fausto Antonio participa deste conjunto de apreciadores que deseja construir um Bispo do Rosário, produzindo um texto em que funde a densidade do monólogo e história, biografia e orientações para encenação na

---

<sup>1</sup> Florentina da Silva Souza é professora do Instituto de Letras da UFBA, Vice-diretora do CEAO-UFBA.

tentativa de fornecer flashes nada simples da vida do grande artista Bispo do Rosário – vida dedicada a reconstruir infinitamente o mundo a partir das linhas que desfiava de uniformes, cobertores e lençóis e com as quais fazia-refazia mantos e panos. Recolhido, ele tecia intensamente seu mundo com palavras e objetos, recusando os limites e contenções do cotidiano. Fausto Antonio também tece o seu Arthur Bispo do Rosário com a memória e a emoção de admirador que deseja fixar emoções.

Do monólogo emerge um personagem cujo discurso é pontuado frequentemente pela repetição do nome, Arthur Bispo do Rosário, como a querer conter a vazão do inconsciente que se derrama pelo texto. A repetição contém e realça o diálogo, que não chega a se efetivar, com a Vaníssima Senhora: “A morte com sua crina solta”! ela paira sobre o texto que parece lutar para afastá-la. O texto sugere o deslizar entre consciência e delírio, entre desejo de vida e a iminência da morte. Construído por frases curtas, algumas das quais se repetem com intensidades diferentes, o monólogo de autoria de Fausto Antonio vai pontuando aspectos conhecidos da vida e obra do grande artista, e criando outros, como a tentar reencenar o fluxo contínuo de sua produção artística e o fluxo de consciência, como a encenar as forças intensas que marcam os trabalhos do Rei, Arthur Bispo do Rosário.

FAUSTO ANTONIO

ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO, O REI!

(1995)

Monólogo em 2 atos

## Cenário

Quando a peça se inicia, o Rei Arthur Bispo do Rosário está à frente do banheiro móvel. Ao fundo ou ao lado, vêm-se os quadros e os painéis do artista. Deve haver uma forma de se arrumar o palco e de permitir ao personagem caminhar do fundo de cena para a boca de cena. À entrada, a porta pode ser pintada num pano para permitir a visão do interior do banheiro. É aconselhável um itinerário interno e externo para os planos de loucura, da memória e do autobiográfico.



## 1º. Ato

**(Nome)**

Arthur Bispo do Rosário.

**(Ainda se apresentando)**

Negro!

Solteiro, naturalidade desconhecida,  
profissão... **(pensando melhor)**

Sem profissão,

alfabetizado,

antecedentes policiais, internado em 25 de Janeiro de 1939.

Diagnóstico: esquizofrenia paranóide.

**(Insistindo)**

Esquizofrenia paranóide!

**(Como num interrogatório)**

Mais alguma coisa?

**(Dando as últimas informações)**

Artista, visionário...

**(Num lance de lucidez)**

Imortal!

**(Olhando para os quatro cantos)**

Imortal!

**(Luz bem centralizada, apalpando o corpo)**

O último representante da espécie...

**(Além do plano biográfico, confessando)**

Ali estavam os monstros, as aves, os répteis...

**(Apontando o vaso sanitário)**

**(Bestialmente)**

E eu, o rei, me sujando nas fezes dos meus antepassados!

**(Afirmção rápida num olhar desviado mais à esquerda)**

Aqui, ali, em toda parte.

**(Olha para os lados, grita)**

A Vaníssima Senhora, a Vaníssima...

**(Esclarecendo)**

A morte com sua crina solta!

**(Delirando)**

O último homem da Terra!

**(Com sofrimento)**

Mas não conheço a morte, mas a vida.... **(Deixa em suspense)**

**(Atitude reflexiva, mostra com as mãos)**

A vida! **(Gira sobre os próprios passos)**

**(Lembrando)**

Andava dentro da minha própria casa.

**(Irado)**

Onde estão os meus filhos? Minha mulher, os meus pais?

**(Grita exultante)**

**(Sem exaltação, resignado)**

Mas nada, estou só. Mas será que posso afirmar: sobrevivi a uma catástrofe.

**(Como um hipotético narrador, dirigindo-se a alguém)**

Essas eram as palavras que muitos esperariam do imortal.

**(Apertando o rosto entre as mãos)**

Tudo em vão!

**(Em tom de superioridade, aceitando o fato)**

Estava desoladamente só!

**(Mudando o tom e reproduzindo a opinião de contador de sua história)**

Contam que ele era o único.

**(Repete o próprio nome)**

Arthur Bispo do Rosário!

**(Repete baixo)**

O rei!

(Imitação pura, ainda reproduzindo uma opinião dada por alguém)

Alguns mais sábios diziam: o único.

**(Com ênfase)**

O único!

**(Pensando melhor)**

O imortal.

**(Numa revolta, porém contida)**

Lastima-me não morrer!

**(Apavorado)**

Na verdade o único perdedor.

**(Divagando)**

Ouvir os pássaros!

Tocar a terra!

O prazer da fartura!

**(Riso acompanhado de pavor, reafirmando tudo)**

Porque quero ouvir os pássaros!

Porque quero tocar a terra!

Porque quero o prazer da fartura!

**(Em tom de palestra, narrando)**

A Vaníssima Senhora estava bem defronte de mim.

**(Sobressaltando-se)**

Cristo e sete anjos azuis...

**(Delirando)**

De sons, cores, números: cantai um cântico novo!

**(Plano de reconstrução do passado)**

E no mesmo instante bateram à porta.

**(Relatando)**

Cristo e sete anjos azuis!

**(Correndo)**

Cristo e sete anjos azuis levitando.

**(Reproduzindo)**

Murros, murros e a Vaníssima... foi saindo **(Diminui a voz)**

A Vaníssima Senhora.

**(Fala com Cristo e se confunde com ele)**

Cantai um cântico novo e o seu ritmo e sonoridade, por si sós, serão a salvação da vida.

**(Discurso desconexo)**

**(Falando para alguém na platéia)**

Nada de mentira ou verdade.

**(Reafirmando)**

Nada de alguma coisa vagamente humana, então, cantai a misteriosa prostração diante da morte

**(Aflito, questionando)**

Mas sem ela, será que as coisas recuperariam o seu sentido próprio?

**(Passa as mãos pelo rosto)**

Cristo e sete anjos levitando! **(Num delírio rápido)**

**(Retomando, lucidez demoníaca)**

Tanto é que, às vezes, mesmo sem compreendermos a obra, num átimo deixamos o sentido oculto embalar as nossas preces na magia da compreensão que nos inunda e, só assim, muito lentamente, deixamos que as coisas recuperem o seu sentido óbvio.

**(Num salto para frente)**

De súbito entendemos tudo!

**(Como visionário)**

Num silêncio escancarado.

**(Secamente)**

De vaziez!

**(Constatando)**

Mas quando falamos, pronto!

**(Friamente)**

A língua do paraíso desmorona...

**(Refletindo)**

Estamos diante do inominável.



**(Revelando a opinião de Cristo)**

Ficou impressionado, como se estivesse diante do homem  
- antípoda.

**(Assustado)**

Como se não fôssemos esse acordar para dentro.

**(Delirando)**

Os anjos travando um duelo de almas.

**(Conectando o discurso)**

Os anjos e Cristo lhe deram vida eterna.

**(Baixo)**

Não morreu porque bateram à porta.

**(Retomando o seu discurso biográfico)**

Eles contam tudo.

**(No mesmo fio narrativo)**

Mas interromperam as suas fezes.

**(Fazendo coro para si mesmo)**

Mil fezes!

**(Bruscamente)**

De milhões de homens!

**(Irritação)**

Homens, homens que eu imaginava representar!

Todos ali.

**(Tentativa de fugir, narra o fato)**

Tentou em princípio fugir, se levantou para abrir a porta.

**(Desespero)**

Mas não foi possível!

**(Desesperadamente)**

Era horrível um homem, o último representante da espécie, se sujar nas fezes dos seus antepassados.

**(Lembrando)**

Fechei a porta e permaneci firme! (De cócoras, defecando)

**(Falando baixo)**

Todos os carnívoros estavam ali, também os peixes...

**(Leve pausa, em tom aterrador)**

Os monstros...

**(Retomando)**

As aves aladas e os lagartos subterrâneos.

**(pausa... ri)**

Os ricos...

**(Num acelerado)**

Os pobres, as mulheres e as outras mulheres, os homens e os outros homens e as mulheres e as mulheres!

**(Informativo)**

Todos habitavam a minha barriga...

**(Gritando)**

E fui esvaziando.

**(Como narrador)**

Isso ele mesmo confessa.

**(Como narrador, enfocando melhor o problema)**

Porque teve tudo, e depois a derrota?

**(Repete baixo)**

Derrota! (Meio questionando)

**(Vem à boca de cena)**

O fato é que sou único.

**(Contra argumenta)**

Mas que tolice!

**(Meio sem nexos)**

Não importa o que um homem possa transmitir a outro.

Um ovo?

Uma geração?

O passado?

**(Como um débil mental)**

Não acredito que um ovo seja comunicável pela forma,  
pelo branco da casca.

**(Num tom bíblico)**

Sempre a criação do mundo...

**(Aperta a cabeça entre as mãos)**

Será possível?

**(Senta-se num ponto alto, olha o público)**

É por isso que... às vezes...eu mesmo me julgo  
condenado...

**(Num lamento)**

Ali estava o mundo todo! **(Aponta as fezes)**

**(Lembrando)**

Arthur Bispo do Rosário!

**(Falando em coro para si mesmo)**

Bispo do Rosário!

**(Voz do interior - passado)**

Ponha a roupa menino! **(Voz da mãe)**

Olha o sapato!

Já estou vestindo! **(Arruma a roupa, imagina um  
espelho)**

**(Informando o público)**

Saí para ver a morte.

**(Ar de felicidade, paradoxo)**

Estava feliz, no caminho, o dia e a noite estavam juntos.

**(Leve riso)**

**(O choque, plano da memória)**

**(Coro)**

Vê a sua irmãzinha!

**(Eco)**

Olhinhos fechadinhos!

Está lindinha, mas friinha!

**(Eco)**

Tão paradinha!

Negrinha, negrinha num caixãozinho branquinho!

**(Adulto reproduzindo voz infantil)**

**(Triste, olhando alguém na platéia)**

A morte... **(Titubeia um pouco)** Luxuriante...

**(Com firmeza)**

A própria morte ensina o mal. **(Um leve riso)**

**(Num jogo de palavras)**

Quem se alimenta da vida? Senão tu, Vaníssima Senhora!

**(Numa reflexão profunda)**

A morte não passa de um artifício da eternidade, será?

Então, cantai!

**(Num grito fulminante)**

Cantai!

## 2º. ato

### 1º. quadro

**(Numa intenção autobiográfica)**

Registro de minha passagem pela Terra.

**(Espacial)**

Do prédio?

Pode ser qualquer coisa remotamente dividida em salas frias, brancas. No desespero, usa - se qualquer coisa que lembre uma casa.

**(Olhar perdido)**

De preferência os velhos colégios, as prefeituras já desativadas.

Desaconselha-se a presença de pessoas já humanizadas, suficientemente humanizadas.



### **(Informativo)**

Das coleiras?

Podem ser feitas com, literalmente, o que estiver à mão.

### **(Com crueldade)**

Tijolos, madeiras empilhadas, cercas... cercas, remédios, arames, choques e pessoas.

### **(Olhando fixamente para além)**

Quanto às pessoas, recomenda-se o uso de pessoas “normais”.

### **(Caminha alguns passos para trás)**

Da duração do tratamento?

### **(Firme)**

Até a Vaníssima chamar!

### **(Correndo para frente)**

O trânsito no interior das casas brancas? Os gordos não saem dos quartos, só comem, comem. Os magros mostram os ossos, sem camisa, é claro. O homem “ruim” vai para o quartinho dos fundos! O pernetá, o que usa óculos, enfim, todos são bem encaminhados.

**(Voz baixa)**

A permanência? Só pode ser interrompida numa dessas eventualidades: primeiro, se o interno acordar morto; segundo, se o interno sair por uma janela.

**2º. quadro**

**(Ainda autobiográfico)**

Registro de minha passagem pela Terra.

**(Frase quebrada)**

Um certo... Bispo do Rosário.

**(Delirando nas ruas do Rio de Janeiro)**

Com que voz?

**(Segue)**

De anjos azuis...

De Cristo levitando.

Com quem voz?

De anjos clamando fome.

Com que voz?

Como um herói!

Com que voz?

O desígnio, a transgressão do ímpio...

Com que voz?

**(Reflexivo)**

Desvendando potestades.

Desvendando! .... Desvendando!

Ainda nas ruas do Rio de Janeiro, lembrando seu mundo de trabalho.

7 Barras, metalon

50 x 30.

**(Segue)**

11 chapas de 200 x 120.

**(Riso bestial)**

5 barras T <sup>3</sup>/<sub>4</sub>.

**(Tristíssimo)**

8 barras e <sup>1</sup>/<sub>2</sub> cantoneira...

**(Concluindo)**

5/8, barras, ferros e Cristo boiando ao lado. Anjos clamando fome.

**(Sério)**

Anjos Azuis!

**(Voz baixa)**

Azuis... de um céu de março!

**(Registro)**

16 de março, Sergipe.

**(Respondendo)**

Capital?

**(Com Meiguice)**

Interior!

**(Enfatizando)**

Interiorano, Japaratuba.

**(Profissão)**

Marinheiro!

**(Aproveita apenas a música marinheiro. Cantiga de capoeira e improvisa)**

Oh! Marinheiro só! Cada louco é guiado por um cadáver e o louco só fica bom quando se livra desse cadáver! **(Como ladainha de angola)**

**(Tempo na Marinha)**

Nove anos!

**(Ainda Itinerário)**

Prisão.

**(Motivo, secamente)**

Insubordinação!

**(Frase solta)**

Sal.

**(Desconexo)**

Sol.

**(Na seqüência)**

Fome, sol, sal, fome.

**(Grito fulminante)**

Expulso!

**(Revela outra vez o motivo)**

Insubordinação!

**(Dá socos, porém, lentamente)**

Cristo e sete anjos azuis.

**(Lembrando o boxeador decadente)**

Cristo e sete anjos azuis.

**(Murros em câmara lenta)**

Cristo e sete anjos azuis.

**(Já exausto)**

Os bondes da Light!

**(Delirando)**

Passa pano.

**(Atitude bestial)**

Passa pano... passa pano.

**(Ritmadamente)**

Os bondes da Light!

Passa pano, joga água...

Esfrega!

Esfrega!

Limpa!

Passa pano, joga água!

**(Distanciando-se)**

Bondes da Light!

**(Afastando-se)**

Bondes da Light.

**(Longe, fundo de cena)**

Passa pano, joga água!

**(Chorando)**

Arthur Bispo do Rosário!

**(Saborear as palavras)**

Bispo do Rosário!

**(Entre risos e lágrimas)**

Joga água... joga água. Passa pano! Passa pano!

**(Lembrando o barulho de um trem)**

Arthur Bispo do Rosário!

Passageiro... joga água, passa pano... bondes da Light!..

**(Informativo)**

Dois dias de delírio!

**(Respondendo a alguém)**

Quando?

**(Pensativo)**

Três dias...

**(Nova pergunta)**

Quando?

**(Esclarecendo)**

Três dias antes do Natal!

**(Arthur Bispo do Rosário se confunde com Cristo)**

Jeosua Ben Pandira foi preso!



**(Balbuciando)**

Preso!

**(Meio admirado)**

Preso!

**(Agora enfático)**

Preso! E depois internado no hospital de alienados da Urca, transferido para o hospital Psiquiátrico Dom Pedro II e, finalmente para a Colônia Juliano Moreira.

**(Repete)**

Juliano Moreira.

**(Agora lentamente)**

Juliano Moreira!

**(Interrogado)**

1944 a 1948?

**(Com inocência)**

Não sei!

**(Outra vez)**

1944 a 1948?

**(Gritando)**

Não sei! (Respira fundo)

**(Encara um espectador qualquer)**

1954 a 1964?

**(Mais um grito)**

Não sei!

**(Interrogado)**

Fonte de inspiração?

**(Secamente)**

A vida, a loucura...

**(Esboça rapidamente um quadro ou algum trabalho plástico)**

A vida, a loucura... **(Com um suspiro de alívio)**

A Vaníssima Senhora!

**(Repetindo)**

A Vaníssima Senhora.

**(Conclui o quadro enquanto fala delirando)**

Escritório de advocacia, porteiro de hotel, guarda-costas...

**(Meio indignado)**

Cabo eleitoral! (Continua pintando num frenesi)

**(Abre os braços; deixa o manto em destaque)**

Vaníssima?

**(Com dor)**

De sons, cores, números: cantai um cântico novo!

**(Chama outra vez)**

Chamai, Vaníssimal? Cristo e anjos!

**(Na sua chegada ao céu)**

Vaníssima?

**(Estupefato)**

Senhora.

**(De repente, num impulso incontido)**

Vaníssima Senhora, estou aqui para me apresentar a Deus!

**(Olhando para frente)**

Arthur Bispo do Rosário!

**(Na posição de quem defeca)**

Bispo do Rosário!

**(Repete outras vezes)**

Arthur Bispo do Rosário, o Rei.

**(Fica em pé, abre os braços, o manto em destaque)**

Bispo do Rosário! Estou aqui para falar com Deus!

**(Senta-se no vaso sanitário)**

A luz diminui até apagar-se completamente.

FIM

## NOTA DO AUTOR

O personagem, neste monólogo-vertigem, confunde-se com o narrador, os fatos surgem, apesar das datas, atemporais, como no fluxo de consciência. A figura do Bispo, como é mostrada neste texto, comove exatamente porque é direta. A linguagem veicula o delírio: *“Não importa o que um homem possa transmitir a outro”*. É uma frase-chave. O texto, criado a partir da vida e obra do artista Arthur Bispo do Rosário, reafirma a independência estética. A arte é o canal, pensada assim, para transfigurar a vida.

Dessa forma, o motivo autobiográfico está subordinado aos valores cênicos e dramáticos. A inventividade, no entanto, não destrói a narrativa comovente do personagem. A linguagem telegráfica e as imagens alucinantes não se subordinam à história biográfica. Recriam, inclusive utilizando-se de flashbacks e algumas frases filosóficas, a essência da loucura e da nossa humanidade. Este monólogo recupera a figura de um sobrevivente da criatividade afro, como um Jean Michel Basquiat e tantos outros alucinados geniais.

Edição publicada por  
Jardel Dias Cavalcanti  
para Galileu Edições  
Londrina, inverno de 2019.





*O criar é, aqui, viver. Para Bispo, dizer  
sim à vida foi dizer sim à ilusão.*

(Marta Dantas. *Arthur Bispo do Rosário: a poética do delírio*)